A atuação da escola no processo de alfabetização do aluno disléxico

Nathalie Maria Belo da Silva Barbosa[1], Profª. Dra. Nádia Mara da Silveira[2]

[1]Graduanda no curso Superior Tecnológico em Hotelaria – IFAL Campus Maceió. e-mail: nathaliebelob@hotmail.com
[2] Profa. Dra.do InstitutoFederal de Alagoas - IFAL Campus Maceió. e-mail: nadiasilveira@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo consiste em investigar a dislexia no processo de alfabetização de crianças, partindo do princípio de que muitos problemas atestados pela escola como decorrentes da dislexia, podem ser derivados de uma alfabetização ineficiente ou a falta de estimulação escolar e familiar para que a aprendizagem aconteça. A aquisição da linguagem escrita é fundamental para o desenvolvimento intelectual do ser humano. Para isso, a alfabetização se faz necessária para o domínio da escrita e da leitura. Contudo, a dislexia é um transtorno que prejudica o aprendizado das letras do alfabeto e sua memorização, causando confusão na leitura e erros ortográficos na escrita. Assim, através de uma analise qualitativa do problema, por meio de entrevistas e gravações, ainda em andamento, verificaremos como se dá a alfabetização de alunos diagnosticados como disléxicos.

Palavras–chave: alfabetização, dificuldades de aprendizagem, dislexia

1. INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno de origem neurológica que se caracteriza pela dificuldade na escrita e na leitura (decodificação e memorização de letras e palavras), resultando em problemas de atrasos na fala em relação à faixa etária do disléxico. Sua origem ainda causa divergências entre os estudiosos do assunto e é importante que seus sintomas (geralmente confundidos com sinais de outros transtornos de aprendizagem ou com falta de interesse pelos estudos por parte do aluno) sejam percebidos o mais cedo possível, para que a dislexia, quando existente, seja diagnosticada corretamente e o tratamento apropriado iniciado. O presente trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise de como a escola trabalha a alfabetização do aluno diagnosticado com dislexia, se a metodologia de ensino é a mesma usada com crianças não portadoras dessa dificuldade e se há algum método específico para alfabetização das crianças disléxicas. Tem ainda como objetivo secundário a reflexão sobre o papel da família no diagnóstico e no tratamento do disléxico, afinal, os primeiros sinais do transtorno costumam surgir ainda na primeira infância, além de ser fundamental para o sucesso escolar do aluno a compreensão e carinho por parte da família.

Assim sendo, parte-se dos seguintes princípios: a dislexia não é uma doença ou sinal de uma incapacidade mental; o aluno disléxico é tão capaz quanto os outros, apenas possui um cérebro que funciona de maneira peculiar; para alfabetizar não existe um “método”, é necessário que o professor compreenda as aptidões e dificuldades de cada aluno; a dislexia não compromete o desenvolvimento intelectual do aluno que a possui.

Dessa forma, considera-se que a noção de leitura do professor alfabetizador, bem como a forma que ela é trabalhada com o aluno disléxico, pode atrapalhar o tratamento do aluno. Afinal, quando podemos dizer que o aluno está realizando uma leitura plena, se a escola, muitas vezes, reforça a repetição/reprodução e, até mesmo, opressão. Faz-se, portanto, necessário o desenvolvimento de alunos criativos, críticos e atuantes, com base em Silva (2002, p. 29).

Além disso, Geraldi (2002, p. 91), defende que leitura é um encontro do leitor com o autor tendo como mediador o próprio texto, e nesse processo o leitor não é passivo, afinal, o sentido do texto é produzido nesses encontros leitor/escritor.

Desse modo, um estudo que priorize o papel de dislexia no processo de alfabetização pode ser decisivo para amenizar a taxa de analfabetismo de nosso país, que chega a 9,6% conforme o Censo Demográfico de 2010, mais especificamente o do estado de Alagoas, que é a unidade federativa com o índice mais alto de analfabetismo no Brasil, com uma taxa que chega a 22,5% da população com mais de dez anos de idade. Mais significativo, ainda, consiste em tratar o aluno disléxico como sujeito com

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

autonomia relativa, como afirma Zozzoli (2002), à medida que, disléxico ou não, é um direito de todo cidadão se alfabetizar.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho trata-se de uma pesquisa de campo, onde serão analisados qualitativamente os dados obtidos na pesquisa que terá como metodologia o estudo de caso. Esses dados serão obtidos através de entrevistas com um aluno disléxico, seus pais e seus professores de alfabetização, além de gravações das aulas de leitura e de outras situações interacionais onde o aluno está presente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando a teoria das Múltiplas Inteligências foi proposta por Howard Gardner, a ideia de que a inteligência é uma capacidade estática se tornou um conceito arcaico, pois nesse trabalho Gardner (1995) afirma que nós, seres humanos, nascemos com diversas capacidades que serão moldadas e aperfeiçoadas (ou reprimidas) de acordo com os estímulos oferecidos pelo meio sociocultural no qual o indivíduo se encontra, além de promover uma crítica ao modelo educacional que privilegia os conhecimentos lógico-matemáticos e quantifica a aprendizagem.

Durante sua formação, o professor que tem contato com a teoria das Múltiplas Inteligências pode direcionar suas aulas de acordo com as diferentes habilidades dos alunos, tendo em vista suas aptidões e dificuldades. Uma das inteligências citadas por Gardner é a Inteligência Linguística, que consiste na capacidade que o ser humano possui de compreender e construir sentidos através da linguagem que, segundo Vygotsky (1998), é o principal canal de comunicação entre o sujeito e o mundo que o cerca e, quando internalizada, se torna organizadora do pensamento.

Sendo assim, é possível inferir que para que exista um bom desenvolvimento da Inteligência Linguística, é necessário que o indivíduo esteja devidamente alfabetizado na língua do meio em que vive. Assim, é que para Ferreiro **(2006**), estar alfabetizado:

> "É poder transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita. Ou seja, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados [...]".

ou seja, segundo Ferreiro (2006) aprender a escrever é compreender os símbolos escritos (leitura) e elaborar textos que se enquadrem nas normas que regem a gramática da língua em que são escritos e que atinjam os objetivos para os quais foram produzidos.

Na escola, a criança inicia o processo de alfabetização por volta dos seis ou sete anos de idade, muitas vezes através de práticas como a junção de sílabas simples, memorização da sonoridade das letras e sílabas e cópia, técnicas criticadas por Ferreiro, quando a autora afirma que "O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças." (FERREIRO, 1996, p.24).

Portanto, é necessário que durante sua formação e atuação profissional o professor perceba que a criança que está sendo alfabetizada não absorve tudo o que lhe transmitem de maneira inerte e passiva nem aprenderá no mesmo ritmo que as outras crianças, pois cada indivíduo recebe durante sua vida diferentes estímulos. Conforme disse SILVA (2002, p.32), é fazer uma "redescoberta da pessoa do aluno", ou seja, é ver seu aluno como alguém que tem sentimentos, valores, capacidades diferenciadas e em alguns casos, esse aluno pode possuir dificuldades que, quando desconhecidas ou mal diagnosticadas, podem prejudicar sua alfabetização e, consequentemente, a apreensão de outros conteúdos, já que a importância da leitura se estende para todas as áreas do conhecimento humano.

Um dos fatores que causam problemas durante a alfabetização é a dislexia, "[...] dificuldade duradoura da aprendizagem da leitura e aquisição do seu mecanismo, em crianças inteligentes,

escolarizadas, sem quaisquer perturbação sensorial e psíquica já existente." (FONSECA, 1999), ou seja, a dislexia é uma maneira peculiar de processamento das informações lingüísticas mas sua ocorrência não indica incapacidade intelectual. O indivíduo já nasce disléxico e sua condição geralmente se manifesta no início de sua alfabetização, momento onde surgem as maiores dificuldades em relação à linguagem, pois os disléxicos apresentam um atraso nos aspectos lingüísticos em comparação com outras crianças de sua faixa etária, conforme a definição do Annals of Dyslexia, elaborado pela IDA (International Dyslexia Association) em 2003, onde diz que a dislexia é

> "uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com a fluência corrente na leitura e por dificuldade na habilitação de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente no déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária." (IDA, 2003, p. 02).

A dislexia costuma dar sinais de sua existência desde o nascimento do indivíduo, afinal, como informa a ABD (Associação Brasileira de Dislexia), há

> "Dispersão; Fraco desenvolvimento da atenção; Atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem; Dificuldade em aprender rimas e canções; Fraco desenvolvimento da coordenação motora; Dificuldade com quebra cabeça; Falta de interesse por livros impressos [...]". (ABD - Associação Brasileira de Dislexia, Acesso em 26/07/2012)

e outras características similares.

Portanto, é de fundamental importância que exista um eficaz canal de comunicação entre a família e a escola, para que no momento em que os sintomas sejam percebidos o alerta seja dado e as devidas providências sejam tomadas para que a possível existência da condição disléxica seja investigada pela equipe profissional competente.

A formação dos professores muitas vezes não contempla como lidar em sala de aula com a dislexia, pois é um tema ainda causa divergências na ciência. Além disso, os disléxicos muitas vezes são mal interpretados e costumam ser tratados com alunos que não possuem interesse pelos estudos, principalmente no que diz respeito à leitura e à escrita, já que são as atividades que mais são prejudicadas pela presença da dislexia, além de serem fundamentais para o entendimento e desenvolvimento nas outras matérias.

Sendo assim, o aluno que possui dislexia se sente atrasado e incapaz em relação às outras crianças, prejudicando o bom desenvolvimento da inteligência intrapessoal que segundo Gardner (1995), é a capacidade que o indivíduo tem de saber lidar com seus sentimentos e emoções, além de reconhecer suas limitações e não fazer delas um instrumento para que se sinta inferior em relação aos outros, ou seja, é estar bem consigo mesmo para que seja possível estar bem com os demais.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo sobre a dislexia e o processo de alfabetização dos alunos disléxicos encontra-se em fase de coleta de material para a fundamentação teórica, mas já permite a reflexão acerca de alguns pontos sobre a dislexia. Quando finalizado, poderá ser aplicado como orientação aos educadores (pais e professores) em relação aos procedimentos de diagnóstico e tratamento da dislexia.

Ainda serão coletados materiais para análise, como entrevistas e gravações com professores, disléxicos e seus pais, para que a reflexão seja mais consistente e possa render trabalhos futuros, como oficinas de orientação ou material educativo para pais e professores.

REFERÊNCIAS

ABD - **Associação Brasileira de Dislexia**. Disponível em: < http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em 26/07/2012.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia. **"O momento atual é interessante porque põe a escola em crise": depoimento. [Outubro, 2006]**. Em:< < http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>. Entrevista concedida à Revista Nova Escola, por Emília Ferreiro, outubro de 2006). Acesso em 26/07/2012.

FONSECA, Vitor. **Insucesso escolar: Abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem**. Lisboa: Âncora Editores, 1999.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. **"Compreensão e Produção Responsivas Ativas: Indícios nas Produções dos Alunos"**. In: *Ler e Produzir Discurso, Texto e Formação do Sujeito Leitor/Produtor*. Rita Maria Diniz Zozzoli (Org.). Maceió: EDUFAL, 2002, p. 17-31.